

**REVISTA**  
**PORTUGUESA**  
**de HISTÓRIA**

**tomo XXXI**

**Homenagem ao Doutor  
Salvador Dias Arnaut  
Volume I**



**COIMBRA 1996**  
**FACULDADE de LETRAS**  
**da UNIVERSIDADE de COIMBRA**  
**INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL**

## **NOTAS SOBRE A OBRA HISTORIOGRÁFICA DO DOUTOR SALVADOR DIAS ARNAUT**

Lúis FERRAND DE ALMEIDA  
*(Universidade de Coimbra)*

As páginas que se seguem não são nem pretendem ser um estudo completo e aprofundado. Como o próprio título sugere, não passam de simples notas resultantes de leituras antigas e recentes. Nada há nelas de novo para os historiadores e em especial para os medievalistas. Pareceu, em todo o caso, conveniente, num volume de homenagem ao Doutor Salvador Dias Amaut, dar ao leitor uma ideia, ainda que rápida e superficial, dos seus escritos históricos.

Por uma questão de ordem ou de método, mas sem evitar algum convencionalismo sempre existente neste género de classificações, podemos dividir os referidos trabalhos em três grupos: 1) História local e regional; 2) História medieval portuguesa; 3) Estudos diversos.

### **1. História local e regional**

Licenciado em Medicina ( 1940) e tendo exercido, durante anos,

a actividade clínica, Salvador Dias Amaut reconhecera, mais tarde, "que a sua tendência principal era mais para as Letras" De algum modo parece demonstrá-lo a colaboração que deu, desde muito cedo (ainda estudante liceal e universitário) a publicações periódicas. Foi certamente o amor à terra natal, associado a preocupações culturais, que o levou a estudar o seu passado, fazendo despertar a vocação de historiador. E se a história local e regional marcou o início de uma vocação, também é certo que nunca mais foi esquecida e veio a ser, pelo contrário, uma constante do seu labor historiográfico.

A comemoração do 8.º centenário da criação do concelho de Penela está na origem do estudo intitulado *Penela. Notas acerca dum centenário*<sup>1 2</sup>, visão panorâmica da história da vila e sua região, da época romana ao século XVI. Trabalho destinado a um vasto público e, por isso, sem preocupações de erudição, que vamos encontrar, logo a seguir, noutra de muito maiores dimensões, impresso ao longo de dois anos numa revista da Coimbra<sup>3</sup> e editado em volume em 1939, com o título *Ladeia e Ladera. Subsídios para o estudo do feito de Ourique*.

Propondo-se tratar dois problemas—para muitos autores ligados ao da localização da batalha de Ourique —, o de saber o que era a região designada nos séculos XII e XIII por "Ladeia" e o das relações que teria com ela o "fossado de Ladera" a que se refere um documento de 1139, S.D. A. diz ter tentado fazer "de passagem, um pouco de história regional" (p. 6).

<sup>1</sup> *Curriculum vitae de Salvador Manuel Dias dos Santos Amaut*, Coimbra, 1967, p.3.

<sup>2</sup> Coimbra, Atlântida, 1937.

<sup>3</sup> *Estudos*, ano XIV, Coimbra, 1937, pp. 149-192,387-427,483-526; ano XV, 1938, pp. 158-185, 424-443, 466-499, 576-616; ano XVI, 1939, pp. 82-89, 230-237.

Na realidade, e muito mais que de passagem, é um estudo atento e minucioso da história da Ladeia no período referido. Sempre com o seguro apoio das fontes e o conhecimento directo do meio geográfico, o A. consegue definir os limites da Ladeia e descrever a sua ocupação militar e povoamento, através da construção de castelos e outras obras de defesa, dos forais e da concessão de terras para cultivar.

Como complemento deste volume apareceriam, muitos anos depois, as *Novas achegas para a história da Ladeia*, corrigindo, num ponto de pormenor, o limite meridional atribuído anteriormente à região<sup>4</sup>.

Entretanto, os documentos publicados ou utilizados em *Ladeia e Ladera* e as fontes provenientes de novas investigações proporcionaram ao A. a possibilidade de ir elaborando, ao longo de décadas, um conjunto de estudos de história local e regional que importa agora considerar.

Um trabalho escolar de Geografia Humana foi o ponto de partida de *Região do Rabaçal. A terra e o homem*<sup>5</sup>, em cujas páginas, por vezes de belo recorte literário, a História e a Geografia se encontram constantemente interligadas. Definidos os limites do território estudado, caracterizado o meio geográfico, esboçada a história da conquista e povoamento no período medieval, mostra-se como a paisagem actual resultou, em larga medida, do "esforço humano através dos séculos" (p. 17), concretizado em múltiplos

<sup>4</sup> Coimbra, 1957. Sep. de *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. XXIII Congresso Luso-Espanhol (...). Coimbra, 1956*, tomo VIII, Coimbra, 1957, pp. 371-373.

<sup>5</sup> *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, Faculdade de Letras de Coimbra, n.-s 6-7, 1953 (1955), pp. 33-55 (com separata); 2.- ed., Câmara Municipal de Penela, Coimbra, 1961.

aspectos: casas e povoações, vias de comunicação, cultura da terra, criação de gado e devastação de matas.

Após uma breve incursão numa zona ao sul da Ladeia, para contar "um pouco da sua história" <sup>6</sup>, S.D.A. voltou-se de novo para Penela, vista agora através da obra de dois escritores, um medieval, Fernão Lopes, outro seiscentista, Eloy de Sá Sotto Maior<sup>7</sup>. As páginas do cronista sobre a sua terra natal, a cuja história dão um contributo "importante", levam-no a escrever: "Como me parece ver fluir a vida nessa Penela de há quase seiscentos anos!" (p. 10).

Quanto às *Ribeiras do Mondego* (1623), de Sotto Maior, S.D.A. foi o primeiro a mostrar que parte da acção dessa novela pastoril decorre em terras do concelho de Penela, cujas belezas naturais são realçadas pelo escritor, numa visão poética.

A vila e a sua região viriam ainda, anos depois, a ser tema de uma obra de síntese divulgadora, escrita em colaboração, cabendo a História ao Doutor Salvador Amaut e a Arte ao Doutor Pedro Dias<sup>8</sup>.

Entretanto, o castelo de Germanelo, que desde há muito solicitava a atenção e o interesse de S.D.A., a ponto de em 1941 o ter adquirido, foi objecto de uma erudita comunicação apresentada na Academia Portuguesa da História e a seguir publicada, com o texto acompanhado de documentos, uma planta, um mapa e fotografias<sup>9</sup>.

<sup>6</sup> *Terras de Ansião. Um pouco da sua história*, Lisboa, 1964.

<sup>7</sup> *Penela na obra de dois escritores (Fernão Lopes e Eloy de Sá Sotto Maior)*, Câmara M. de Penela, Coimbra, 1966.

<sup>8</sup> *Penela: história e arte*, Câmara M. de Penela, Aveiro, 1983.

<sup>9</sup> *O Castelo de Germanelo*. Sep. dos *Anais* da Academia Portuguesa da História, II série, vol. 28, Lisboa, 1982, pp. 233-256.

Começando pelas referências de Herculano e outros historiadores e por urna breve historia da Ladeia e do Germanelo na Idade Média, o A. passa às descrições modernas da arruinada fortaleza e mostra como a sua aquisição esteve no "começo de um largo período de sistemático estudo dela e do seu aro" (p. 240). É dado conhecimento ao leitor das escavações realizadas e seus resultados e da reconstrução hipotética da muralha do lado norte. Na parte final estudam-se os problemas do foral de Germanelo e os limites do antigo concelho.

Um dos últimos trabalhos escritos e publicados por S.D.A. teve por tema o infante D. Pedro e o senhorio de Penela<sup>10</sup>. Nele se edita pela primeira vez na íntegra e com grande rigor o "tombo" que em 1420 o Infante mandou fazer dos seus bens e rendimentos em Penela. Trata-se de "um documento precioso", rico em elementos respeitantes à toponímia da região e à sua geografia humana e económica (pp. 176-177). Deixando o estudo destes aspectos para outra oportunidade, o A. preferiu focar algo do que mais directamente se liga a D. Pedro, como as suas estadias na vila, o interesse pelo seu progresso económico (criação de feiras) e vida religiosa, e, por fim, a probabilidade de ali ter terminado a redacção da *Virtuosa Benfeitoria*. Estes factos permitiram-lhe ainda vincar alguns traços da figura e da personalidade do Infante, parecendo-lhe estar a vê-lo "em corpo e espírito" (p. 186).

## 2. História medieval portuguesa

Poderíamos começar por incluir nesta secção as obras indicadas

<sup>10</sup> **O Infante D. Pedro, senhor de Penela.** Sep. de *Biblos*, vol. LXIX, Coimbra, 1993, pp. 173-217.

na anterior, dado que em todas ou quase todas predomina o estudo da época medieval, embora com assuntos de âmbito local ou regional. Os trabalhos referidos a seguir continuam a situar-se, temporalmente, na Idade Média, mas agora a perspectiva alargare ao plano nacional.

É sabido que S.D.A. foi, essencialmente, um medievalista, com particular interesse pelos séculos XIV e XV. O grande tema da sua carreira de historiador veio a ser, sem dúvida, a crise nacional dos fins do século XIV, como o revelam as dissertações de licenciatura e doutoramento, além de outros trabalhos, preparatórios ou complementares.

Dos primeiros devemos mencionar o artigo sobre Froissait e João Fernandes Pacheco", o que trata do uso de flechas envenenadas na guerra entre Portugal e Castela nos fins do século XIV<sup>11 12</sup>, e, sobretudo, a comunicação *A Batalha de Trancoso*, publicada em Madrid em 1950<sup>13</sup> e na qual já se apresentam, de forma sintética, as ideias fundamentais da tese de licenciatura, impressa em Coimbra com o mesmo título no ano seguinte<sup>14</sup>.

Na primeira parte da obra faz-se a apresentação das fontes, a sua comparação e comentário crítico, e mostra-se a importância da batalha no contexto da guerra da independência, assim como a sua projecção na lenda.

O problema da data (desconhecida) ocupa toda a segunda parte. Um estudo comparativo extremamente minucioso de textos narra-

<sup>11</sup> *Froissart e João Fernandes Pacheco*, Coimbra, 1945. Sep. da *Revista Portuguesa de História (=RPH)*, tomo III, Coimbra, 1947, pp. 129-159.

<sup>12</sup> *Flechas com "erva" na guerra entre Portugal e Castela no fim do século XIV*, Coimbra, 1945. Sep. da *RPH*, t. III, pp. 214-220.

<sup>13</sup> Sep. de *Las Ciencias*, ano XV, n.º 1, Madrid, 1950, pp. 117-144.

<sup>14</sup> *A Batalha de Trancoso*, Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1947 (1951).

tivos e fontes documentais permite ao A. fixar o acontecimento entre 6 de Maio e 8 de Junho de 1385, "muito provavelmente num dos primeiros oito dias de Junho" (p. 217).

Alguns anos mais tarde, dois elementos novos vieram confirmar, de modo geral, esta conclusão, mas também alterá-la um pouco e tomá-la mais precisa: "É de pensar (...) que o combate se feriu em 29 ou 30 de Maio"<sup>15</sup>.

De muito maior importância foram, sem dúvida, as ideias expostas por S.D.A. na dissertação de licenciatura a respeito da crise de 1383-1385 e especialmente da solução encontrada para o problema da sucessão de D. Fernando.

Morto este monarca e de acordo com o tratado feito quando do casamento de sua filha com D. João I de Castela, D. Leonor Teles assumiu a regência e D. Beatriz foi proclamada rainha de Portugal. "Cioso da independência, o povo aclamava rei em pensamento D. João, filho de D. Pedro e de D. Inês de Castro, infante que estava em Castela" (p. 7). Não se encontra em Fernão Lopes qualquer alusão a que o povo tenha pensado de início no Mestre de Avis e o cronista diz expressamente que este, quando elevado a regedor e defensor do reino, não tinha tenção de reinar. Mas, a pouco e pouco, deu-se uma completa transformação: para muitos, o Mestre passou de representante de um ausente a futuro rei, e, nas cortes de Coimbra, de rei de facto a rei de direito.

Com isto não se extinguiu o partido dos filhos de Inês de Castro, que, considerando-se injustamente preteridos, tentaram, apoiados em Castela, primeiro D. João e depois D. Dinis, conquistar a coroa portuguesa, — o que era já então uma causa perdida.

Ao iniciar a sua dissertação de doutoramento, S.D.A. pôde

<sup>15</sup> *Acerca da batalha de Trancoso*, Câmara M. de Trancoso, Coimbra, 1986, p. 9.



escrever que estas ideias, "sem serem inteiramente novas num ou noutro ponto, eram-no na intensidade da formulação e na articulação geral". Considerando que elas precisavam de ser desenvolvidas e mais largamente verificadas, procedeu a demoradas investigações nos arquivos e bibliotecas de Portugal, Espanha e França. Desse trabalho resultaria o volume que apresentou, para o doutoramento, em 1960: *A Crise Nacional dos Fins do Século XIV*.

*A Sucessão de D. Fernando*<sup>16</sup>.

A obra está dividida em quatro partes. Na primeira, em que se trata, essencialmente, dos contratos matrimoniais de D. Beatriz, filha de D. Fernando, o A. procura explicar o facto de, após a morte deste rei, o povo dirigir o seu pensamento para o infante D. João, então em Castela. A biografia deste é feita na segunda parte e continuada na terceira até à sua morte, passando pela revolta do Mestre de Avis (regedor do reino em nome do irmão) e pelas cortes de Coimbra, em que o Mestre é eleito rei. A quarta parte é dedicada à vida do infante D. Dinis, sucessor político de D. João após o falecimento deste.

Um segundo volume, com o estudo directo da crise de 1383-1385 e o papel que nela teve o Mestre de Avis, foi longamente preparado pelo A., mas não chegou, infelizmente, a ser redigido. Das investigações realizadas com esse fim e das reflexões suscitadas resultaram, pelo menos, dois importantes estudos, que nos poderão dar uma ideia do que seria o projectado volume.

Trata o primeiro destes trabalhos dos documentos do Mestre de Avis<sup>16 17</sup>. Nele lembra o A. que o estudo sistemático dos documen-

<sup>16</sup> Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1960.

<sup>17</sup> **Os Documentos do Mestre de Avis. Breves notas**, Coimbra, 1979. Sep. da *RPH*, t. XVII, 1977, pp. 341-349.

tos de D. João como regedor e defensor tem sido descurado, limitando-se os historiadores desse período, quase sempre, a glosar Femão Lopes. No entanto, os referidos textos são "fonte de importantes ensinamentos". Como amostra, focam-se alguns dos pontos que viriam a ser tratados no volume em preparação.

Em primeiro lugar, a criação de procuradores do Mestre em várias regiões, com poderes muito amplos, inclusive para fazerem doações de bens da coroa. Na "época de convulsão" em que o País vivia o dar e o tirar assumiam grande relevo e os textos revelam a perturbação existente. São numerosas as notícias de confiscos e de mercês, conforme houve desserviço ou serviço dos Reinos e do Mestre, verificando-se que são atingidas ou contempladas "todas as classes sociais". Importava, acima de tudo, "libertar a terra", o que podia "coincidir com a existência e satisfação de aspirações de outra natureza" (pp. 343-347).

Por outro lado, o pensamento da corrente que desencadeia a revolução era o de que o Mestre governaria enquanto o infante D. João não pudesse tomar conta do poder. Posteriormente tudo se alterou, mas é natural que entretanto a legalidade das doações e confiscos do Mestre de Avis suscitasse dúvidas, o que ressalta com clareza das confirmações que fez depois de elevado ao trono.

É sabido também que, segundo Femão Lopes, as procurações dos participantes concelhios nas cortes de Coimbra levavam expresso o voto para o Mestre. A ser assim, ainda antes de principiar a reunião, já ele "tinha sido escolhido para rei", o que parece confirmado pelo facto de usar tal título em quase todos os documentos passados durante as cortes até 6 de Abril, data da eleição (pp. 347-349).

O segundo dos trabalhos citados tem por título *A Crise nacional*

*dos fins do século XIV (Contribuição para o seu estudo)*<sup>5</sup> e nele se retoma e amplia a argumentação do anterior. Após o cerco de Lisboa, certos sinais de infidelidade à causa do Mestre de Avis sugeriram a conveniência de uma cerimónia em que a este fizeram "preito e menagem" os fidalgos e moradores da cidade. Ao contrário, porém, do que parece concluir-se de Femão Lopes, a homenagem não se efectuou só em Lisboa. Um extenso documento, que S.D.A. publica e comenta, mostra que o mesmo aconteceu noutros lugares e dá notícia pormenorizada da assembleia de Évora, com a participação do clero, nobreza, cidadãos e "poboo miúdo".

Este importante texto "fornece mais uma prova de que em todas as classes sociais houve defensores da causa portuguesa" (p. 68). Para S.D.A. ele permite-nos também pensar que os sinais de infidelidade ao Mestre não se limitavam a Lisboa e que os termos em que é feito o juramento constituem um duro golpe na corrente favorável ao infante D. João.

Assim se preparavam, de certo modo, as cortes de Coimbra, onde o Mestre começou a ser chamado rei ainda antes da eleição de 6 de Abril, como revelam os documentos da sua *chancelaria*. "Antes de ser rei de direito (...), ele já o era de facto", de modo que se tratou de "uma eleição muito especial. O respeito pela prática sucessória era tal que à falta de descendente legítimo de rei se foi buscar um bastardo" para reinar. "Os votos viriam depois" (p. 74).

Tais são as ideias fundamentais destes dois breves mas substanciais estudos, sólidamente documentados, e cujo extraordinário

<sup>5</sup> Sep. dos **Anais** da Academia Portuguesa da História, II série, vol. 30, Lisboa, 1985, pp. 51-79.

intéressé mais nos faz lamentar que o volume de continuação da tese de doutoramento não tenha chegado a ser escrito.

Em todo o caso, não ficaram por aqui os trabalhos de S.D.A. sobre a crise de 1383-1385, a sua época e alguns dos principais acontecimentos e figuras que com ela se relacionam. Nesta linha se integram o artigo *Algumas notas sobre a campanha de Aljubarrota*<sup>19</sup> e as comunicações acerca de *D. João I, grande Rei, grande reinado*<sup>19 20</sup> e *D. Fernando: o homem e o governante*<sup>21</sup>.

Uma especial referência é devida à introdução que antecede a edição da *Crónica do senhor rei D. Fernando (...)*, publicada no Porto pela Livraria Civilização em 1966. Nessas 15 páginas há uma boa síntese do que S.D.A. pensava a respeito de Femão Lopes, suas fontes, seus processos historiográficos, seus méritos e limitações como historiador e escritor. Ideias por vezes nada conformistas relativamente às que, até então, eram correntes acerca do célebre cronista<sup>22</sup>.

Se o tema da grande crise dos fins do século XIV foi predominante na obra historiográfica de S.D.A., nem por isso o impediu de abordar, com muito interesse, assuntos bem diversos, desde os amores de D. Pedro e D. Inés de Castro, no seu contexto político<sup>23</sup>, até à arte de comer em Portugal na Idade Média, sobre a

<sup>19</sup> Coimbra, 1963. Sep. da *RPH*, t. X, 1962, pp. 467-499.

<sup>20</sup> Sep. (s.l.n.d.) de *Aljubarrota — 600 anos. Ciclo de Conferências da Sociedade Histórica da Independência de Portugal*, Lisboa, 1987, pp. 351-363.

<sup>21</sup> Sep. dos *Anais* da Academia Portuguesa da História, II série, vol. 32, tomo I, Lisboa, 1989, pp. 11-33.

<sup>22</sup> Por exemplo: "... Gostava mais (...) de encontrar a história já feita do que fazê-la a partir dos elementos simples (...). Sabia catar o belo nas obras alheias, mas talvez não se sentisse muito obrigado a, só por si, criar beleza" (p. XIX). E chega a perguntar, noutra altura, se a glória de Femão Lopes "não pertencerá a seus anónimos colaboradores" (*A Crise Nacional (...)*, 1960, p. 255, n.2).

<sup>23</sup> *O episódio de Inés de Castro à luz da História*, Lisboa, 1972. Sep. de *XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra — Ciclo de*

qual escreveu a mais desenvolvida, documentada e "saborosa" síntese até então publicada<sup>24</sup>.

Podemos citar ainda, para terminar este ponto, a erudita contribuição que deu aos *Subsídios para o estudo do Acampamento Romano de Antanol*<sup>25</sup>, em que reuniu e comentou as referências de documentos medievais àquela importante fortificação.

### 3. Estudos diversos

Nos inícios das carreiras de médico e de historiador as duas vocações aparecem como que unidas num trabalho sobre o passado da cirurgia coimbrã, publicado em colaboração com o Doutor José Bacalhau<sup>26</sup>. A este tema e a outros próximos voltaria meio século depois para dar a sua colaboração à *História da Universidade* em vias de publicação, e podemos imaginar com quanto gosto o faria, como mais uma forma, talvez a última, de testemunhar o seu amor à instituição que devotadamente serviu<sup>27</sup>.

Professor da cadeira de História dos Descobrimentos Portugueses e Director do Instituto de História da Expansão Ultramarina, o Doutor Salvador Amaut não deixou extensa obra escrita nestes

**conferências comemorativas**, ed. da Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de "Os Lusíadas". **Os amores de Pedro e Inês: suas consequências políticas**, Coimbra, 1986. Sep. de **A Mulher na sociedade portuguesa. (...) ■ Actas do colóquio (...)**, Coimbra, Instituto de História Económica e Social, vol. II, 1986, pp. 403-414.

<sup>24</sup> "A arte de comer em Portugal na Idade Média", introdução a **O Livro de Cozinha da Infanta D. Maria de Portugal**, publ. por G. Manuppella e Salvador D. Amaut, Coimbra, "Acta Universitatis Conimbrigensis", 1967, e em edição independente, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1986.

<sup>25</sup> Coimbra, Faculdade de Letras, 1958.

<sup>26</sup> "Notícia histórica da cirurgia coimbrã", in **Arquivo da Clínica de Santa Cmz**, vol. 1,1.1, Coimbra, 1943, pp. 3-44.

<sup>27</sup> Cfr. João Lourenço Roque, "Doutor Salvador Dias Amaut (1913-1995)", in **RPH**, t. XXX, Coimbra, 1995, p. 4.

domínios. Curiosamente, no entanto, dedicou a um tema dessa natureza o último trabalho que pôde ver editado. De facto, os *estudos sobre os Descobrimentos* apareceram poucos meses antes da sua morte<sup>28</sup>.

Nesta obra são tratados, com alguns dados novos e cuidada reflexão pessoal sobre as fontes, os problemas do redescobrimento do arquipélago da Madeira, dos objectivos do infante D. Henrique relativamente ao Oriente e do limite meridional dos descobrimentos henriquinos.

Julgamos desnecessário fazer referência a numerosos pequenos trabalhos em que o A. afluou temas históricos: recensões críticas, artigos de jornais e de enciclopédias, discursos em actos públicos, prefácios de livros de outros autores. Apenas exceptuaremos um texto publicado em 1942 com um título aparentemente sensacionalista: *Eça de Queiroz ...falsificador?*<sup>29</sup>.

Algumas incongruências cronológicas do grande escritor, designadamente na *Correspondência de Fradique Mendes*, sugeriram a S.D.A. estas curiosas páginas que, não sendo propriamente de História, constituem uma aplicação humorística de critérios usados pelos estudiosos na crítica das fontes. Embora com um tema ligeiro, elas mostram, afinal, o cuidado e a argúcia do historiador.

#### 4. Conclusão

Concluiremos estas simples e despretenciosas notas salientando aquilo que nos parece caracterizar melhor a obra historiográfica do Doutor Salvador Arnaut, assim como a sua maneira de sentir e

<sup>28</sup> Sep. de *Biblos*, vol. LXX, Coimbra, 1994, pp. 93-118.

<sup>29</sup> Sep. de *Estudos*, ano XIX, Coimbra, 1942, pp. 19-29.

reconstituir a vida humana do passado:

- O profundo apego à "pequena pátria" local e regional (sem esquecer a grande), de que resultou uma das principais linhas da sua historiografia, em que ao conhecimento das fontes escritas se associa o do meio geográfico.
  - Uma história regional e local não meramente passadista, mas, pelo contrário, a desembocar nos problemas actuais da terra e dos homens<sup>30</sup>.
  - A "viragem" que as ideias expostas nas dissertações de licenciatura e de doutoramento vieram provocar na história da sucessão de D. Fernando.
  - A visão pessoal dos aspectos sociais da crise de 1383-1385 e da atribuição da coroa ao Mestre de Avis, com base não apenas em Femão Lopes, mas numa vastíssima documentação.
  - O conhecimento aprofundado de Femão Lopes, sujeito a "apertada crítica", através do confronto com outras fontes narrativas e diplomáticas, que permitem completá-lo e corrigi-lo.
  - O gosto e a arte de "imaginar" pessoas e situações, aspectos físicos e traços psicológicos, sem no entanto fugir à verosimilhança dentro de um determinado quadro histórico, isto é, ao que as fontes ensinam e sugerem.
- Como resultado final, uma historiografia de sólida base erudita, mas que sabe ultrapassá-la em busca dos problemas, dos sentimentos e das paixões dos homens. Por isso não é possível caracterizá-la com certas etiquetas em voga, que

<sup>30</sup> Cfr. *Penela. Notas acêrca dum centenário*, pp. 50-52; *Região do Rabaçal*, p. 25, n. 3; *Terras de Ansião*, pp. 13-14; *Penela na obra de dois escritores*, p. 31.

resultam insuficientes e deformadoras<sup>31</sup>.

E natural que outros investigadores dedicados ao estudo da crise de 1383-1385 procurem, entretanto, novos caminhos, diferentes pontos de vista, diversas interpretações, mas julgamos fora de dúvida que ninguém mais poderá tratar a fundo desta época sem recorrer, em maior ou menor escala, às obras do Doutor Salvador Arnaut. É quanto basta para lhe assegurar um lugar importante na historiografia portuguesa deste século.

<sup>31</sup> Cfr., a propósito, H. Coutau-Bégarie, *Le phénomène "Nouvelle histoire". Stratégie et idéologie des nouveaux historiens*, Paris, 1983, pp. 45-52, 296-299; G. Thuillier e J. Tulard, *Les écoles historiques*, Paris, 1990, pp. 60-63, 86; J. A. Romero Magalhães, "Palavras prévias", in *História de Portugal*, dir. de José Mattoso, vol. III, Lisboa, 1993, pp.8-9.